



CELGA-ILTEC

Centro de Estudos de Linguística Geral
e Aplicada da Universidade de Coimbra

Investigação sobre o discurso da História no Projeto "Textos, géneros e conhecimento": Um ponto de situação

Marta Filipe Alexandre & Fausto Caels

(com um agradecimento especial a Ângela Quaresma & Mário Alves)

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria
CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra

ENDA 2; 09-10 de setembro de 2021





ESTRUTURA

1. Contextualização
2. Projeto “Textos, Géneros e Conhecimento”
3. Investigação sobre o Discurso da História
 - a. Propósitos sociocomunicativos
 - b. Mapeamento dos géneros
 - c. O papel dos relatórios
 - d. Relatar ou explicar?
 - e. A construção gramatical do Tempo



1. CONTEXTUALIZAÇÃO



O USO DA LÍNGUA EM CONTEXTO EDUCATIVO

A língua desempenha um papel fundamental na transmissão e avaliação do conhecimento disciplinar.

A maioria dos agentes educativos (professores, formadores, investigadores, decisores políticos) reconhecem a dimensão instrumental e transversal da língua.

O ME identificou baixos níveis de literacia a partir de provas de aferição de vários níveis e áreas disciplinares (ME/IAVE 2017). Consequentemente, decretou a integração de práticas de ensino e treino da literacia em todas as disciplinas (ME 2017).



O USO DA LÍNGUA EM CONTEXTO EDUCATIVO

Desafios ao sistema de ensino nacional:

- Quais são as exigências de literacia específicas das diferentes áreas e níveis de ensino?
- Como trabalhar as exigências de literacia em sala de aula?



2. PROJETO

TEXTOS, GÊNEROS E CONHECIMENTO



COORDENADAS GERAIS

- Designação completa
 - *Textos, géneros e conhecimento – Para o mapeamento dos usos disciplinares da língua nos diferentes níveis de ensino*
- Enquadramento institucional
 - Grupo “Discurso e Práticas Discursivas Académicas” (DPDA) do CELGA-ILTEC, UC



OBJETIVOS

- Caracterizar os usos disciplinares da língua segundo uma perspectiva de Género.

IDENTIFICAR

- *Quais são os géneros escolares / académicos?*

DESCREVER

- *Que recursos linguísticos empregam os géneros?*
- *Que conhecimento disciplinar constroem?*

FORMAR

- *Como transmitir o resultado desta investigação aos (futuros) professores?*



OBJETIVOS

- Identificar e descrever os géneros mais utilizados em manuais das seguintes áreas disciplinares e níveis de ensino:

	PORTUGUÊS	CIÊNCIAS	HISTÓRIA
1.º ciclo do EB	<ul style="list-style-type: none">• Português	<ul style="list-style-type: none">• Estudo do Meio	
2.º e 3.º ciclos do EB	<ul style="list-style-type: none">• Português	<ul style="list-style-type: none">• Ciências Naturais	<ul style="list-style-type: none">• HGP• História
Ensino Secundário	<ul style="list-style-type: none">• Português	<ul style="list-style-type: none">• Biologia e Geologia• Biologia	<ul style="list-style-type: none">• História A



MANUAIS

- Corpus de 64 manuais:
 - Cerca de 20 manuais/área
 - Cerca de 5 manuais/ano
- Apenas livros de texto
- Enfoque nos textos que veiculam conteúdos, elaborados pelos autores dos manuais



Vamos perceber como Portugal alargou os seus territórios e definiu as suas fronteiras.



A Que conquistas foram feitas aos mouros?

D. Afonso Henriques conquistou várias terras aos mouros. Já em 1139 os tinha derrotado na batalha de Ourique.

Em 1145, conquistou **Leiria**. Em 1147, os homens de D. Afonso Henriques aproveitaram a escuridão da noite para tomar de assalto a cidade de **Santarém**. Ainda em 1147, **Lisboa** foi cercada com a ajuda de cruzados e de máquinas de guerra, acabando os muçulmanos por se render ao fim de quatro meses. Muitos mouros foram presos e escravizados. Após se apoderar de Lisboa, D. Afonso Henriques conquistou **terras a sul do rio Tejo**, como Palmela, Alcácer do Sal, Évora e Beja. Quando morreu, em 1185, os mouros já tinham recuperado algumas das terras, a sul do rio Tejo.

B Que importância teve a linha do Tejo?

No tempo da Reconquista Cristã, os grandes rios eram barreiras naturais muito difíceis de ultrapassar. Assim, quer os cristãos quer os muçulmanos procuraram dominar os castelos junto do rio Tejo, ou seja, os **castelos da linha do Tejo**.

A reconquista de Lisboa foi muito importante para os portugueses dominarem a linha do Tejo. Como a cidade se localiza junto à foz, podiam controlar as entradas e saídas dos barcos no rio.

C Como foram definidas as fronteiras de Portugal?

Após a morte de D. Afonso Henriques (1185), os seus sucessores (**D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III**) continuaram a lutar contra os mouros, alargando as fronteiras do reino de Portugal com a ajuda de homens do clero que pertenciam às ordens religiosas militares.

Em 1249, **D. Afonso III expulsou os mouros de Portugal**.

Em 1297, o rei **D. Dinis** assinou o **Tratado de Alcanizes** com o rei de Castela, ficando então definidas as **fronteiras convencionais**. Portugal foi um dos primeiros países europeus a definir as suas fronteiras, que pouco se alteraram até ao presente. Só em 1801 a linha de fronteira recuou um pouco para oeste, quando a Espanha ocupou Olivença.

Doc. A A conquista de Lisboa, em 1147.

«(em Lisboa) Com a maré vazante, os nossos juntam-se na praia para levarem a torre de assalto, para assim, com maior facilidade, lançarem a ponte. A defesa dessa parte do muro, juntam-se os Mouros de todos os lados; mas ao verem a ponte lançada e estando nós prestes a entrar, depõem as armas, pedindo suplicantemente tréguas.»

Carta de um cruzado inglês, participante no cerco de Lisboa, século XII (adaptado)

1. Indica:

- a) quem cercou a cidade?
- b) quem a defendia?
- c) quem ajudou D. Afonso Henriques a reconquistar a cidade?

Doc. B Os castelos da linha do Tejo e o reino de Portugal após o Tratado de Alcanizes.



2. O que está representado no mapa?
3. Para que serviram os castelos representados na figura?
4. O que ficou definido no Tratado de Alcanizes?

Doc. 1 A tomada de Santarém, em 1147 (reconstituição).



De surpresa e logo que a escada ficou presa, os cristãos subiram e hastearam a bandeira real. A tomada de Santarém foi muito importante para a Reconquista Cristã rumo ao sul. Permitiu um ataque futuro à cidade de Lisboa.

Doc. 2 Cronologia.

1145	Conquista de Leiria aos mouros
1147	Conquista de Santarém e de Lisboa aos mouros
1185	Morte de D. Afonso Henriques
1249	D. Afonso III expulsa os mouros do Algarve
1297	Tratado de Alcanizes: definição das fronteiras de Portugal

5. Explica a importância da tomada de Santarém para os portugueses.
6. Selecciona o título que pode servir para o conjunto dos textos (A, B e C) da página anterior. Justifica.
 - a) A ação de D. Afonso Henriques;
 - b) As lutas contra os mouros.
7. Identifica o texto da página da esquerda (A, B ou C) que corresponde a cada um dos acontecimentos da cronologia.

FAZER

Imagina que eras um cavaleiro de D. Afonso Henriques. Em breve, Santarém faria parte do reino de Portugal. Descreve as emoções vividas durante o assalto ao castelo.

Qual é o significado?

Fronteiras convencionais
Quando a linha de fronteira resulta do acordo entre países. Para marcar a fronteira podem usar-se marcos.

Fronteiras naturais
Quando a linha de fronteira é demarcada por montanhas, rios, vales, embora os países também concordem com essa demarcação.

Ordem religiosa e militar
Comunidade de monges com treino para a guerra, que se dedicam, especialmente, a combater com as armas os inimigos da fé cristã.

Caderno de Atividades
Realiza a atividade n.º 3 da página 78.
Regista no teu Friso Cronológico: 1249 – Conquista definitiva do Algarve. 1297 – Tratado de Alcanizes.

Vamos perceber como Portugal alargou os seus territórios e definiu as suas fronteiras.



A Que conquistas foram feitas aos mouros?

D. Afonso Henriques conquistou várias terras aos mouros. Já em 1139 os tinha derrotado na batalha de Ourique.

Em **1145**, conquistou **Leiria**. Em **1147**, os homens de D. Afonso Henriques aproveitaram a escuridão da noite para tomar de assalto a cidade de **Santarém**. Ainda em 1147, **Lisboa** foi cercada com a ajuda de cruzados e de máquinas de guerra, acabando os muçulmanos por se render ao fim de quatro meses. Muitos mouros foram presos e escravizados. Após se apoderar de Lisboa, D. Afonso Henriques conquistou **terras a sul do rio Tejo**, como Palmela, Alcácer do Sal, Évora e Beja. Quando morreu, em 1185, os mouros já tinham recuperado algumas das terras, a sul do rio Tejo.

B Que importância teve a linha do Tejo?

No tempo da Reconquista Cristã, os grandes rios eram barreiras naturais muito difíceis de ultrapassar. Assim, quer os cristãos quer os muçulmanos procuraram dominar os castelos junto do rio Tejo, ou seja, os **castelos da linha do Tejo**.

A reconquista de Lisboa foi muito importante para os portugueses dominarem a linha do Tejo. Como a cidade se localiza junto à foz, podiam controlar as entradas e saídas dos barcos no rio.

C Como foram definidas as fronteiras de Portugal?

Após a morte de D. Afonso Henriques (1185), os seus sucessores (**D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III**) continuaram a lutar contra os mouros, alargando as fronteiras do reino de Portugal com a ajuda de homens do clero que pertenciam às ordens religiosas militares.

Em **1249**, **D. Afonso III expulsou os mouros de Portugal**.

Em **1297**, o rei **D. Dinis** assinou o **Tratado de Alcanizes** com o rei de Castela, ficando então definidas as **fronteiras convencionais**. Portugal foi um dos primeiros países europeus a definir as suas fronteiras, que pouco se alteraram até ao presente. Só em 1801 a linha de fronteira recuou um pouco para oeste, quando a Espanha ocupou Olivença.

Doc. A A conquista de Lisboa, em 1147.

«(em Lisboa) Com a maré vazante, os nossos juntam-se na praia para levarem a torre de assalto, para assim, com maior facilidade, lançarem a ponte. A defesa dessa parte do muro, juntam-se os Mouros de todos os lados; mas ao verem a ponte lançada e estando nós prestes a entrar, depõem as armas, pedindo suplicantemente tréguas.»

Carta de um cruzado inglês, participante no cerco de Lisboa, século XII (adaptado)

1. Indica:

- a) quem cercou a cidade?
- b) quem a defendia?
- c) quem ajudou D. Afonso Henriques a reconquistar a cidade?

Doc. B Os castelos da linha do Tejo e o reino de Portugal após o Tratado de Alcanizes.



2. O que está representado no mapa?
3. Para que serviam os castelos representados na figura?
4. O que ficou definido no Tratado de Alcanizes?

Doc. 1 A tomada de Santarém, em 1147 (reconstituição).



De surpresa e logo que a escada ficou presa, os cristãos subiram e hastearam a bandeira real. A tomada de Santarém foi muito importante para a Reconquista Cristã rumo ao sul. Permitiu um ataque futuro à cidade de Lisboa.

Doc. 2 Cronologia.

1145	Conquista de Leiria aos mouros
1147	Conquista de Santarém e de Lisboa aos mouros
1185	Morte de D. Afonso Henriques
1249	D. Afonso III expulsa os mouros do Algarve
1297	Tratado de Alcanizes: definição das fronteiras de Portugal

5. Explica a importância da tomada de Santarém para os portugueses.

6. Selecciona o título que pode servir para o conjunto dos textos (A, B e C) da página anterior. Justifica.

- a) A ação de D. Afonso Henriques;
- b) As lutas contra os mouros.

7. Identifica o texto da página da esquerda (A, B ou C) que corresponde a cada um dos acontecimentos da cronologia.

FAZER

Imagina que eras um cavaleiro de D. Afonso Henriques. Em breve, Santarém faria parte do reino de Portugal. Descreve as emoções vividas durante o assalto ao castelo.

Qual é o significado?

Fronteiras convencionais
Quando a linha de fronteira resulta do acordo entre países. Para marcar a fronteira podem usar-se marcos.

Fronteiras naturais
Quando a linha de fronteira é demarcada por montanhas, rios, vales, embora os países também concordem com essa demarcação.

Ordem religiosa e militar
Comunidade de monges com treino para a guerra, que se dedicam, especialmente, a combater com as armas os inimigos da fé cristã.

Caderno de Atividades

Realiza a atividade n.º 3 da página 78.

Regista no teu Friso Cronológico: 1249 – Conquista definitiva do Algarve. 1297 – Tratado de Alcanizes.



3. INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO DA HISTÓRIA

(ENFOQUE NO 2.º E 3.º CICLOS DO EB)



3.a Propósitos sociocomunicativos

- Com que finalidade(s) é utilizada a língua?
- Que finalidade(s) assumem os textos formativos?



3.a Propósitos sociocomunicativos

- Com que finalidade(s) é utilizada a língua?
- Que finalidade(s) assumem os textos formativos?



ESTUDAR
O PASSADO

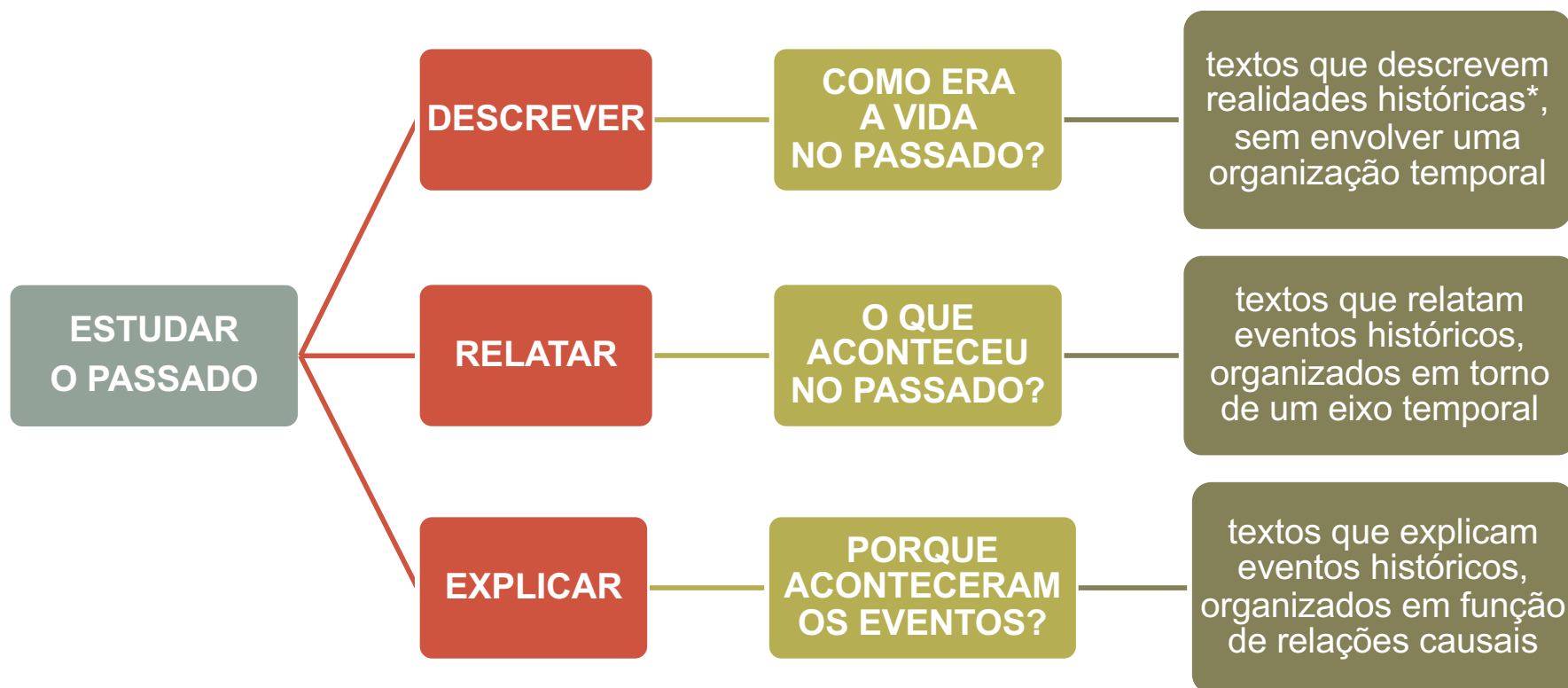
* correntes artísticas, organismos sociais, espaços físicos, estilos de vida, equipamento militar, artefactos

Investigação sobre o discurso da História no Projeto "Textos, géneros e conhecimento": Um ponto de situação | Marta Filipe Alexandre & Fausto Caels



3.a Propósitos sociocomunicativos

- Com que finalidade(s) é utilizada a língua?
- Que finalidade(s) assumem os textos formativos?



* correntes artísticas, organismos sociais, espaços físicos, estilos de vida, equipamento militar, artefactos



Descrever

A vida dos nobres: combater, treinar, divertir-se

A nobreza detinha grande parte das terras do reino, os senhorios dos nobres. Estes estavam divididos em três partes: a reserva, os casais e as terras comunais (as florestas). Na reserva, situavam-se a casa do senhor, o moinho, o forno e as terras trabalhadas por camponeses ao serviço do senhor. Nos casais, viviam e trabalhavam famílias de camponeses, que pagavam muitos impostos para poderem cultivar as terras, usar o forno e o moinho do senhor. Nas terras comunais os camponeses também podiam apanhar lenha e levar o gado a pastar.

A principal função dos nobres era a defesa do reino. Assim, tinham de se preparar muito bem para a guerra, participando, principalmente, em torneios e caçadas.

Ao serão, os nobres jogavam xadrez e dados ou assistiam com a família a espetáculos de malabarismo e de jograis, que cantavam ou recitavam poemas.

(5.º ano; M25:102)

**O texto situa-se no passado, mas não avança no tempo.
Ausência de uma estrutura textual cronológica**



Relatar

A morte de D. Sebastião e a sucessão ao trono

Em 1557, quando D. João III morreu, sucedeu-lhe o neto, D. Sebastião, uma vez que o pai deste já tinha morrido. Como D. Sebastião tinha apenas três anos, a regência do reino ficou a cargo, primeiro, da sua avó, D. Catarina e, depois, do cardeal D. Henrique, seu tio-avô.

Em 1568, D. Sebastião, com 14 anos, assumiu o governo do reino.

O jovem rei preparou um exército com cerca de 18 000 homens e, em 1578, partiu para o Norte de África, para combater os Muçulmanos. Em agosto, na batalha de Alcácer Quibir, após longa caminhada, o exército português foi derrotado pelo exército muçulmano. Nesta batalha, morreram cerca de nove mil portugueses e quase todos os restantes foram feitos prisioneiros. D. Sebastião morreu também na batalha, sem ter deixado descendentes.

Após a morte de D. Sebastião, subiu ao trono o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, que já tinha sido regente entre 1552 e 1568. A sua principal preocupação foi resolver o problema da sucessão.

(5.º ano; M25:170)

O texto dá conta de eventos do passado, ordenando-os no tempo
Estrutura textual cronológica



Explicar

A animação dos núcleos urbanos

O ressurgimento económico **permitiu** a reanimação das cidades. Assistiu-se a um aumento da população urbana que, em parte, se instalou fora das antigas muralhas, **originando** um burgo novo ou de fora, à volta do qual era construído uma nova muralha (doc. 4). Os habitantes do burgo novo designavam-se por “burgueses” e eram, essencialmente, artesãos e comerciantes.

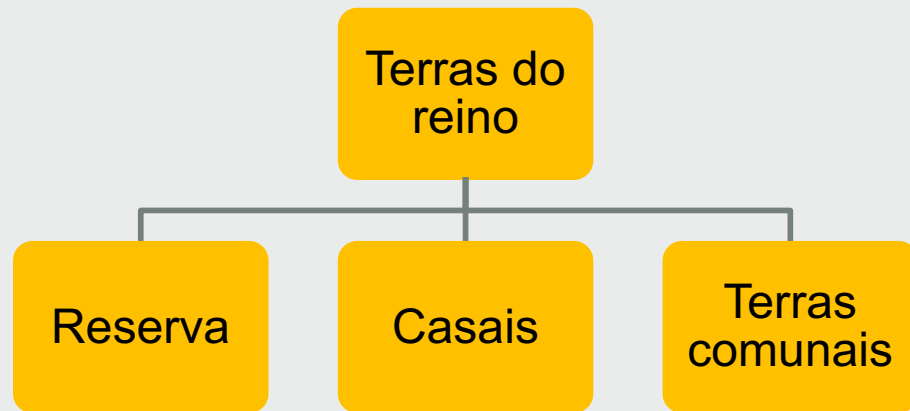
À medida que a população das cidades foi crescendo, foi aumentando e especializando-se a produção artesanal. Os artesãos, como ferreiros, sapateiros, ourives, agruparam-se em profissões, **dando assim origem**, por exemplo, em Lisboa, à rua dos Sapateiro e à rua do Ouro. Estes agrupamentos de profissões **contribuíram para** os artesãos exercerem maior influência junto do rei.

Entre os comerciantes, alguns enriqueceram, especialmente, **devido ao** comércio internacional.

(7.º ano; M29:157)

O texto dá conta de eventos do passado, ordenando-os logicamente
Estrutura textual causal com relações temporais implícitas

Descrever



Relatar

1550

1557

Morte D. Sebastião

1568

D. Sebastião assume
governo do reino

1578

Combate com os
Muçulmanos

Agosto de 1578

Batalha de Alcácer
Quibir

Após a morte de
D. Sebastião

Cardeal D. Henrique
sobe ao trono

1600

Relatar

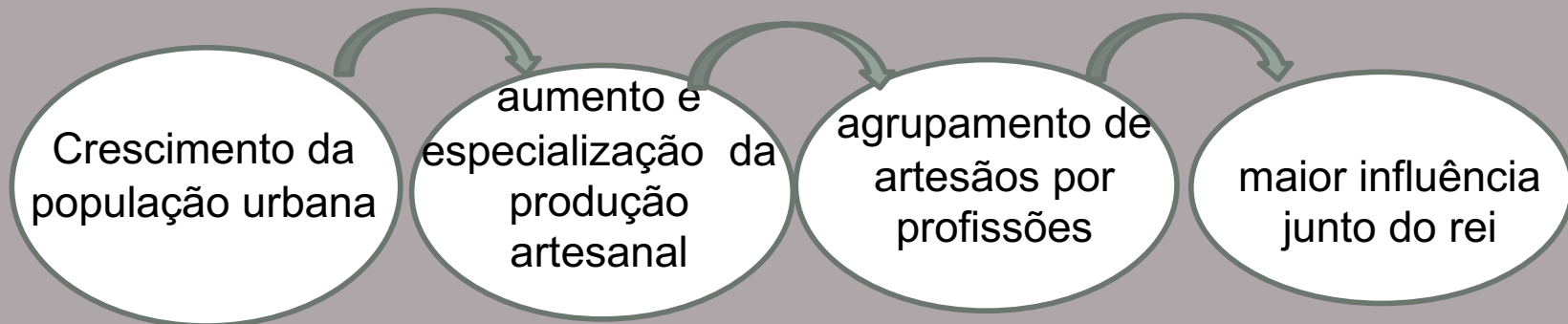
1550

1557

Morte D. Sebastião

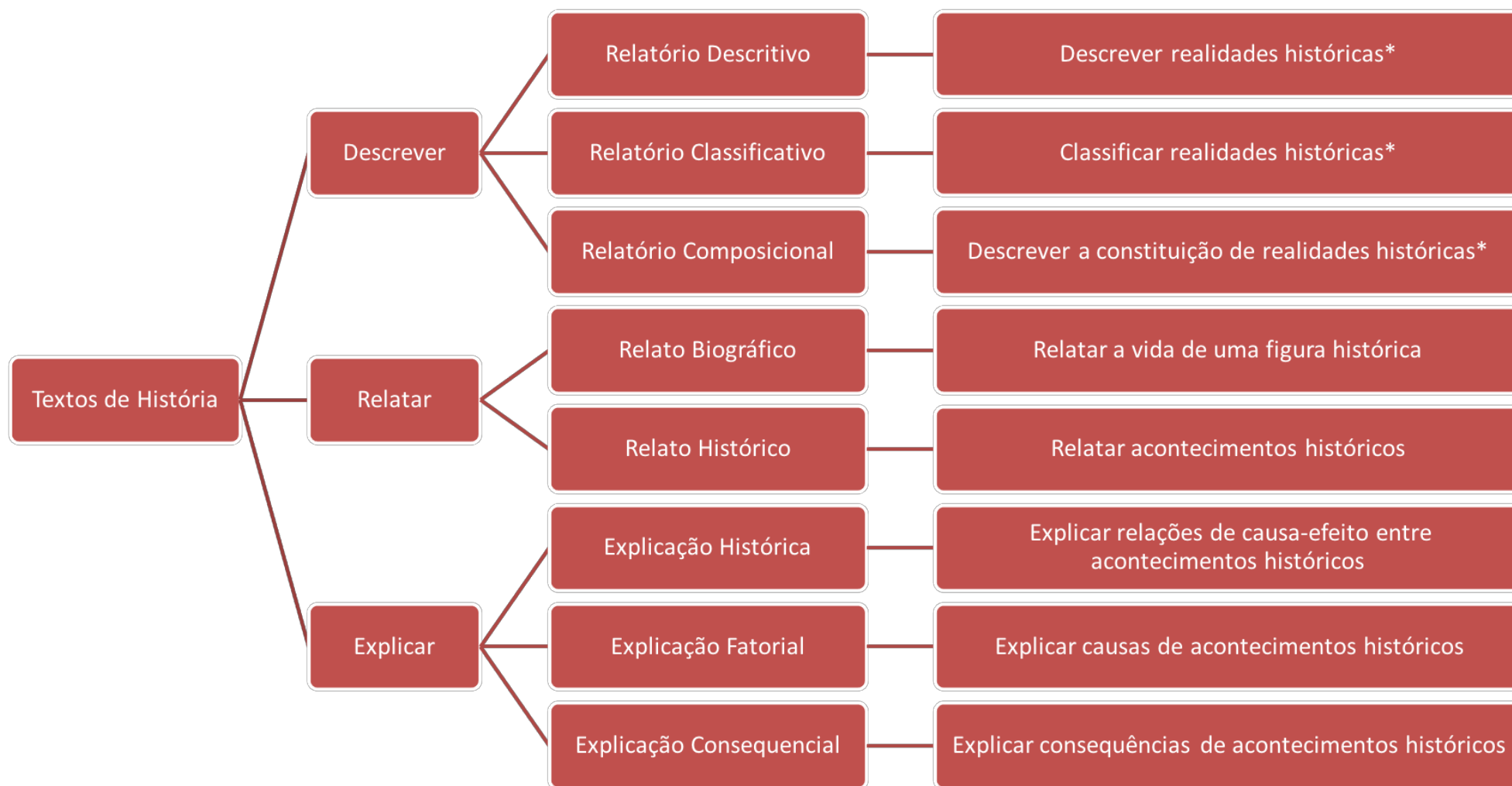
Re

Explicar





3.b Géneros



* correntes artísticas, organismos sociais, espaços físicos, estilos de vida, equipamento militar, artefactos



3.b Representatividade dos géneros

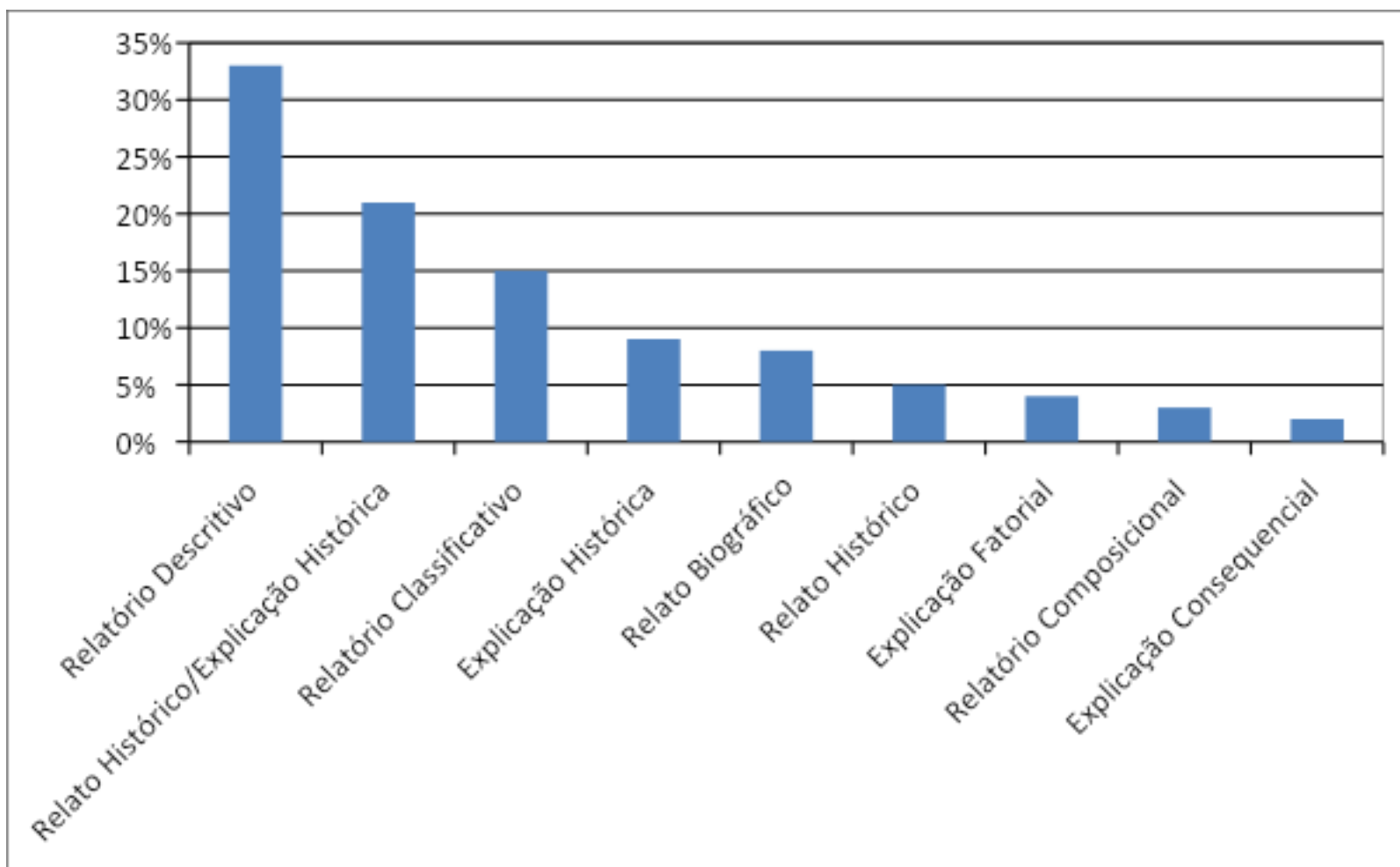
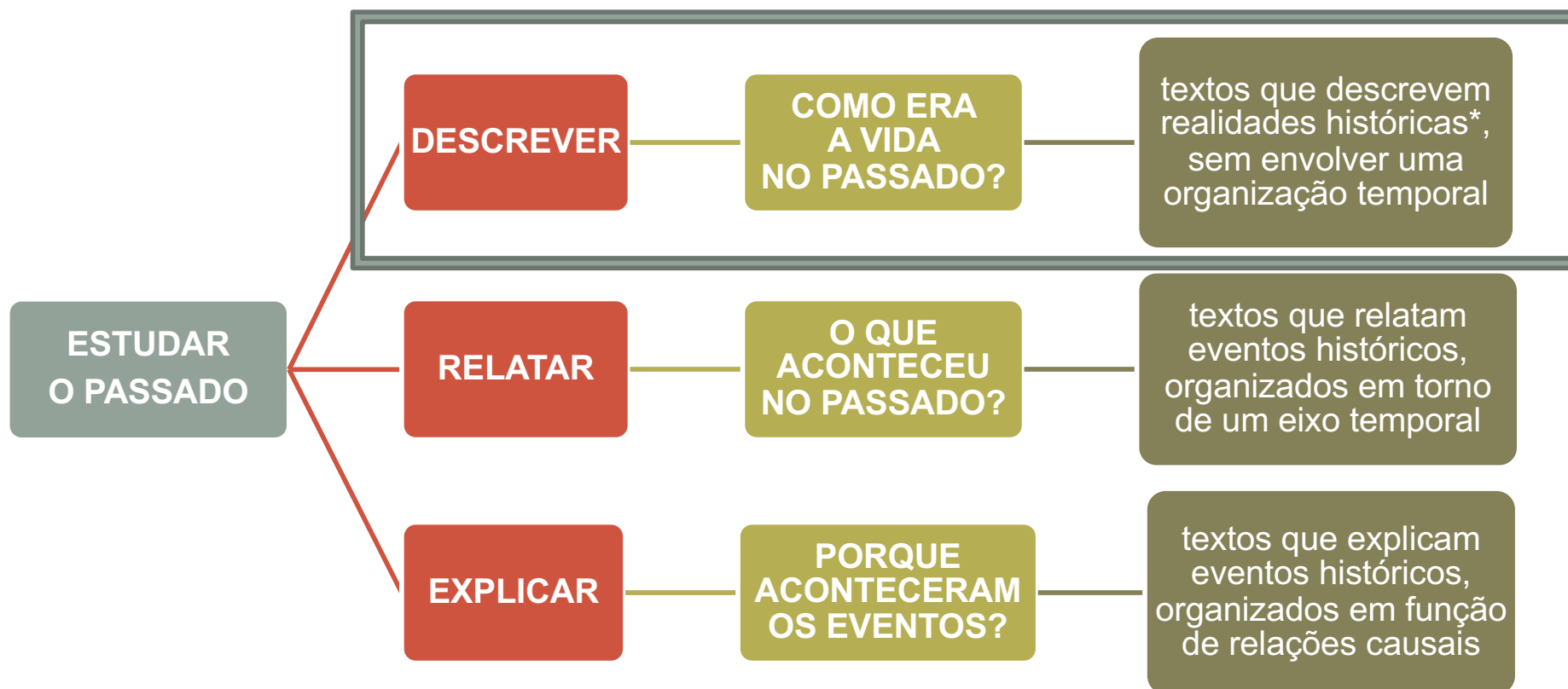


Gráfico 1: Representatividade dos géneros de História e Geografia de Portugal (2.º Ciclo) e História (3.º Ciclo) (amostra de textos em 10 manuais)



3.c O papel dos Relatórios



* correntes artísticas, organismos sociais, espaços físicos, estilos de vida, equipamento militar, artefactos



3.c O papel dos Relatórios

A análise de uma amostra de 100 textos (10 textos aleatoriamente escolhidos de 10 unidades temáticas) mostra que:

- 51% dos textos pertencem à família dos Relatórios
 - 33% → relatórios descritivos
 - 15% → relatórios classificativos
 - 3% → relatórios composicionais
- O relatório descritivo é o género predominante nos dados.
- Os Relatórios são a família de géneros predominante em metade das unidades temáticas analisadas.

Como compreender a preponderância desta família de géneros?



O texto apresenta uma descrição da vida num mosteiro (Ano 5.º)


Relembra...

No século XIII, existiam três grupos sociais: o clero, que se ocupava da vida religiosa; a nobreza, que defendia o reino; o povo, que trabalhava nas atividades económicas. O clero e a nobreza eram grupos privilegiados; o povo, era um grupo não privilegiado.

Portugal nos séculos XIII e XIV

> A vida do clero nos mosteiros

• Como era a vida quotidiana nos mosteiros?



- 1 Igreja, onde os monges rezavam.
- 2 Sala do capítulo, onde os monges se reuniam para ouvir ler capítulos da Bíblia.
- 3 Dormitório.
- 4 Hospedaria, onde eram recebidos os peregrinos.
- 5 Refeitório e cozinha.
- 6 Despensa.
- 7 Biblioteca.
- 8 Claustro, onde os monges passeavam, estudavam e meditavam.
- 9 Campos agrícolas.

1 Esquema de um mosteiro do século XIII.

1 Observa o documento 1.

1.1 Indica:

- a) a que grupo social pertenciam as pessoas que viviam no mosteiro;
- b) onde desempenhavam os monges a sua principal função;
- c) que atividade praticariam os monges no campo.

A vida do clero nos mosteiros: rezar e trabalhar

Os **mosteiros** localizavam-se geralmente perto de terrenos férteis e tinham vários espaços, cada um com a sua função: igreja, biblioteca, refeitório, dormitório, cozinha, despensa, claustro, hospedaria e campos de cultivo. Neles, viviam comunidades de monges (homens) ou de monjas (mulheres). Estas comunidades, chamadas ordens religiosas, seguiam certas **regras**, como cumprir horários para rezar, para trabalhar e para comer; usavam vestuário e cortes de cabelo semelhantes. Muitos mosteiros possuíam grandes propriedades dadas pelo rei ou por fiéis.

Algumas terras eram trabalhadas pelos monges e pelas monjas e outras por camponeses, que pagavam impostos ao mosteiro.

Além do serviço religioso – rezar pela proteção e salvação de todos, casamentos, batizados e funerais –, os **monges** dedicavam-se a **outras atividades**, como a agricultura e a confeção de alimentos, com destaque para a doçaria e os licores.

Que espaços existiam nos mosteiros?

Quem vivia nos mosteiros?

Quais as regras que seguiam?

Qual era a principal ocupação dos monges?

Que outras atividades praticavam?

100



O texto apresenta uma classificação de decisões políticas (Ano 9.º)

3.2

As realizações e as dificuldades da 1.ª República

META 8

■ Que mudanças políticas foram introduzidas pela República?

No domínio político, foi aprovada uma nova **Constituição**, de acordo com o novo regime. Este regime introduzia **diferenças significativas** em relação à Constituição que até então vigorara na Monarquia. A nova Constituição da República, decretada pela Assembleia Nacional Constituinte (em 21 de agosto de 1911) manteve a separação de poderes, mas o chefe de Estado passou a ser um presidente da República, eleito, em vez do Rei. O órgão mais forte era o Congresso (Parlamento), que escolhia o presidente e podia demitir os governos. Passou a vigorar, assim, um **regime parlamentarista** (Docs. 3 e 4).



■ Quais foram as principais realizações dos governos republicanos?

Manuel de Arriaga foi eleito primeiro presidente da República Portuguesa, em 24 de agosto de 1911. A partir desse momento, o Partido Republicano dividiu-se e iniciaram-se as discussões entre os vários partidos criados. No campo das **realizações políticas dos primeiros governos republicanos**, são de destacar:

• Medidas de laicização do Estado:

Proibição do ensino religioso nas escolas; nacionalização dos bens da Igreja; expulsão das ordens religiosas do País; criação do registo civil obrigatório, no âmbito da separação entre o Estado e a Igreja (Docs. 1 e 5);

• Medidas de carácter social e laboral:

Criação do Ministério do Trabalho e da Previdência Social; direito à greve; regulamentação do horário de trabalho (48 horas semanais); descanso semanal obrigatório; construção de bairros operários; legalização do divórcio; proteção aos filhos ilegítimos; criação de um Fundo Nacional de Assistência para a Velhice e a Doença (Doc. 7);

• Medidas no campo da educação:

Escolaridade obrigatória até aos 10 anos; criação de jardins de infância e construção de escolas primárias (Docs. 2 e 6); criação do ensino técnico (escolas comerciais e industriais) e reforma dos liceus; criação das universidades de Lisboa e do Porto e de institutos públicos de ensino superior;

• Medidas de carácter económico e financeiro:

Na agricultura, maior utilização de adubo e importação de máquinas agrícolas; incremento da indústria, especialmente dos setores têxtil, de cimentos e químico; tentativa de redução do défice das contas do Estado, destacando-se o governo de Afonso Costa (1913-1914, que pôs as contas públicas em ordem).



Doc. 1 Laicização. Afonso Costa, político republicano, autor da Lei da Separação da Igreja e do Estado, extrai a «lombriça» da Igreja Católica do corpo da jovem República.



Doc. 2 Aula numa escola primária durante a 1.ª República.

VOCABULÁRIO

Regime parlamentarista

Sistema político no qual o Parlamento é o órgão mais forte.

Laicização Separação da Igreja e do Estado, passando este a não ter religião oficial e a não favorecer nenhum credo religioso (nomeadamente no ensino).



O texto apresenta uma diferenciação entre pessoas / povos (Ano 8.º)

E1

4. Sociedades multiculturais nos séculos XV e XVI

A diversidade de níveis civilizacionais e a aculturação

Com a aprendizagem deste assunto, vais ser capaz de:

- Identificar povos de nível civilizacional diferente.
- Referir situações de intercâmbio, aculturação e assimilação.

Os diferentes níveis civilizacionais dos povos

Os portugueses, os espanhóis e demais povos europeus que se expandiram (holandeses, ingleses e franceses) entraram em contacto com povos de níveis civilizacionais diferentes:

- em **África**, com a brilhante civilização muçulmana, mas, também, com povos que viviam em regime tribal e que se dedicavam à caça e à pesca ou que estavam organizados em reinos como os de Benim e do Congo (ambos na costa ocidental) e o de Monomotapa (na costa oriental);
- na **Ásia**, com civilizações originais e muito evoluídas (religiões e culturas características, elevados conhecimentos técnicos e científicos), como as da Índia e da China;
- na **América**, com povos de civilização primitiva como os índios do Brasil (os tupis e os guaranis), que viviam da caça e da pesca (doc. 3), e com povos de civilização mais avançada, como os astecas, os maias e os incas.

Fenómenos de intercâmbio, aculturação* e assimilação

Os povos, com quem os europeus entraram em contacto, reagiram de forma muito diversa ao embate com a civilização europeia:

- uns, como os **ameríndios**, assimilaram a cultura, os hábitos e os costumes dos colonizadores (doc. 3);
- outros, como os **hindus** e os **chineses**, recusaram ou limitaram as relações e os valores culturais dos europeus.

Na verdade, na **América Central e do Sul**, os portugueses e os espanhóis divulgaram as suas línguas, religião, instituições, técnicas, estilos artísticos, usos e costumes. Na **Ásia**, onde as civilizações eram muito desenvolvidas, a influência europeia foi menor, mas ainda se fez sentir na língua (destaque para o inglês), na religião (evangelização), na arte (em particular, igrejas e fortalezas) (docs. 1, 5 e 6) e na mestiçagem (cruzamentos de raças pouco significativos). Contudo, na **África Negra** foram deixadas marcas civilizacionais importantes (doc. 2), que se ampliaram nos séculos XIX e XX.

A Europa recebeu, também, influências de outros continentes (doc. 4), tais como novos produtos e práticas culinárias, novos conhecimentos científicos (em particular na medicina e na farmácia) e novos valores estéticos (na literatura e na arte).

Mas, nem sempre o relacionamento entre os povos decorreu de forma amigável.

Sabias que...

DOC. 1

... Goa é um símbolo da presença portuguesa no mundo?

Foi criada por Afonso de Albuquerque (após a sua conquista em 1510), como a primeira cidade europeia na Ásia, com ruas, casas, igrejas cristãs (doc. 1), jardins, escolas, mercados à maneira ocidental. Goa fez parte da Índia portuguesa até 1961.

* Aculturação — ver pág. 206

Em resumo

- Nos séculos XV e XVI, os povos europeus entraram em contacto com povos de diferentes níveis civilizacionais;
- Os contactos ou relações entre uns e outros foi muito diverso: uns assimilaram influências culturais, enquanto outros as recusaram.
- A religião, línguas, técnicas, arte, usos e costumes foram as marcas mais significativas da aculturação.

38 |



3.c O papel dos Relatórios



Os Relatórios não obedecem a uma organização temporal. Nestes textos, o tempo “para”.

Os Relatórios reconstroem os cenários onde os eventos históricos aconteceram.





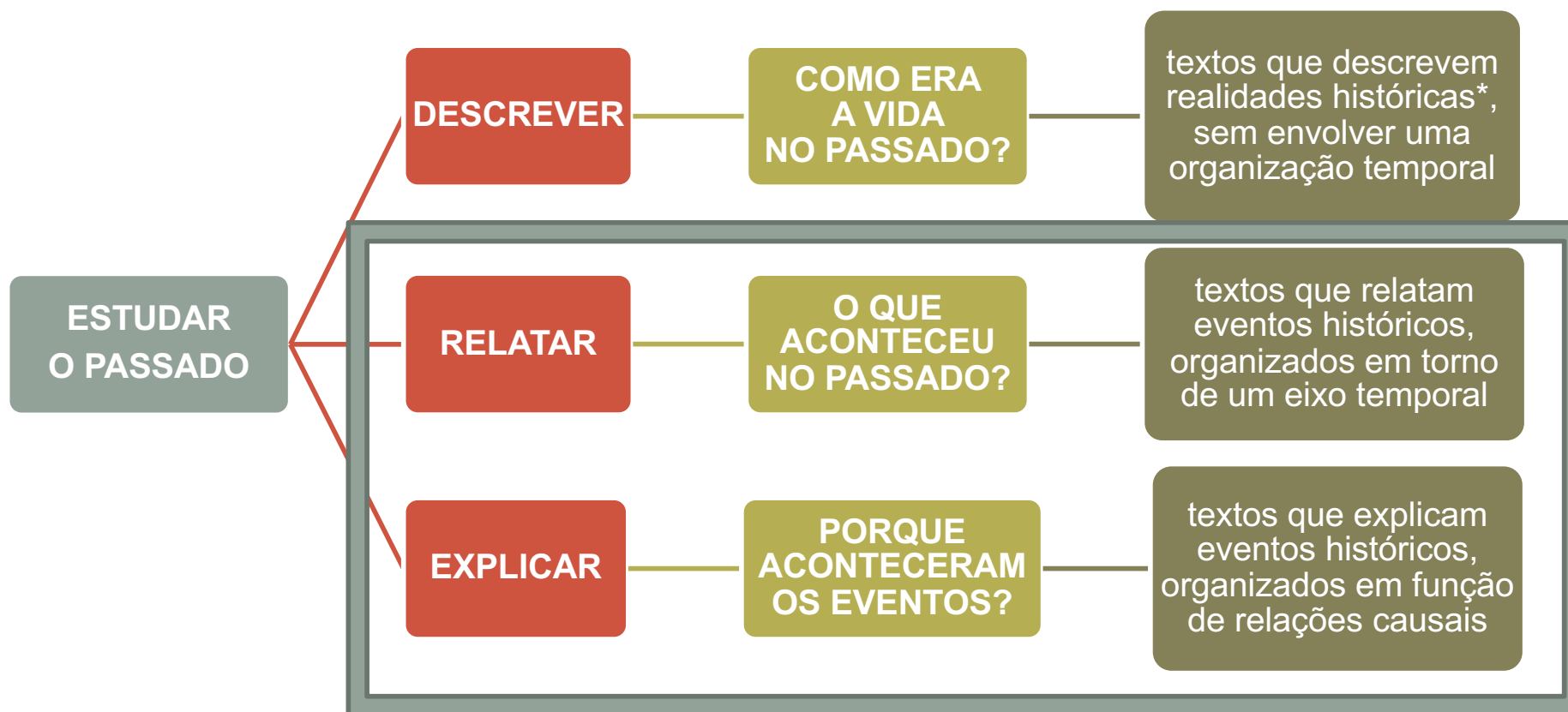
3.c O papel dos Relatórios

Os Relatórios veiculam conhecimento histórico especializado, que requer competências de literacia igualmente especializadas:

- propõem generalizações e conceptualizações abstratas – os textos focam participantes humanos generalizados ou participantes abstratos e não humanos (e.g. “medidas de laicização do estado” “povos de civilização primitiva”)
- estruturam-se de acordo com critérios de campo (assunto), desenvolvendo, nomeadamente, relações de hiponímia (classe-subclasse) e de meronímia (todo-partes) (e.g. organização física dos mosteiros)



3.d Relatar ou explicar?



* correntes artísticas, organismos sociais, espaços físicos, estilos de vida, equipamento militar, artefactos



3.d Relatar ou explicar?

O diagrama anteriormente apresentado assenta num critério **tipológico**. Nesta aceção, um texto de História constitui um Relato OU uma Explicação, nunca podendo pertencer a mais do que um género ao mesmo tempo.

Num estudo feito com uma amostra de 35 textos que retratam eventos históricos, retirados de manuais de diferentes ciclos de ensino, concluímos que (apenas) 42,9% configuram relatos *puros* e explicações *puras*.

Tais textos empregam apenas (ou de forma muito preponderante) recursos linguísticos temporais, no caso dos relatos, e recursos linguísticos causais, no caso das explicações.



3.d Relatar ou explicar?

Os restantes 57,1% textos empregam em doses diferentes, recursos linguísticos temporais e causais. Por exemplo:

A alteração das forças em confronto durante a guerra das trincheiras

Em 1917, enquanto decorria a guerra das trincheiras, deram-se duas alterações significativas nas forças em conflito:

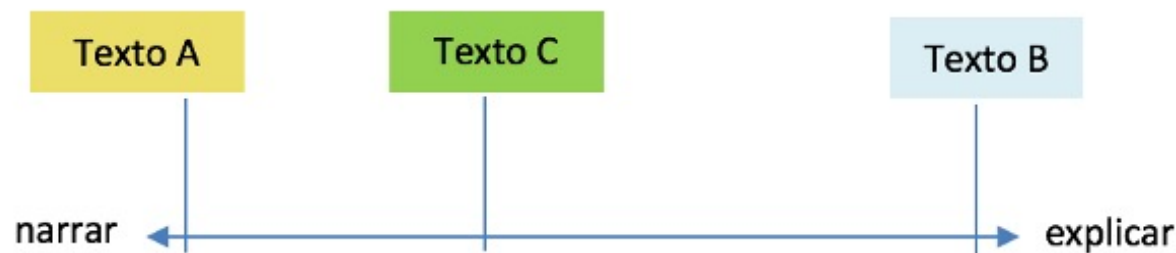
- em abril, o presidente americano Wilson declarou guerra à Alemanha em virtude desta ter desencadeado uma guerra submarina no Atlântico, que levou ao afundamento de barcos americanos que transportavam alimentos e armas para França e Inglaterra;
- em outubro, na Rússia, os bolcheviques tomaram o poder e, para salvarem a revolução, retiraram-se da guerra e, depois, assinaram a paz com a Alemanha.
- Assim, a relação de forças em confronto alterou-se. De imediato, os alemães lançaram uma desesperada ofensiva no norte de França, no sentido de atingirem Paris antes da chegada das tropas americanas. Recomeçava, então,⁵ a guerra de movimento (doc.2).



3.d Relatar ou explicar?

A fim de dar conta desta realidade, recorreremos a uma visão **topológica** (de “lugar”), em que os gêneros não são vistos numa perspectiva binária que obriga a distinções categóricas. Em vez disso, presta-se mais atenção aos pontos de convergência e de divergência entre eles.

Propomos, mais concretamente, um contínuo formado pelos propósitos sociocomunicativos *relatar* e *explicar*, sendo que os textos dos manuais podem ser posicionados em qualquer ponto deste contínuo, em função das suas características.





3.d Relatar ou explicar?

Ambas as visões – tipológica e topológica – afiguram-se pedagogicamente relevantes.

A visão tipológica ajuda a diferenciar claramente os propósitos, associando-a géneros distintos, isto é, a protótipos textuais com uma estrutura e recursos gramaticais e lexicais determinados.

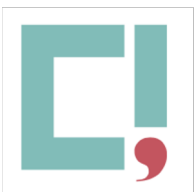
A visão topológica, por seu turno, possibilita a aproximação entre propósitos diversos, ou, melhor dizendo, o reconhecimento de que diferentes propósitos funcionam, muitas vezes, de forma entrelaçada na construção e transmissão do conhecimento histórico.



Construção lexicogramatical do conhecimento

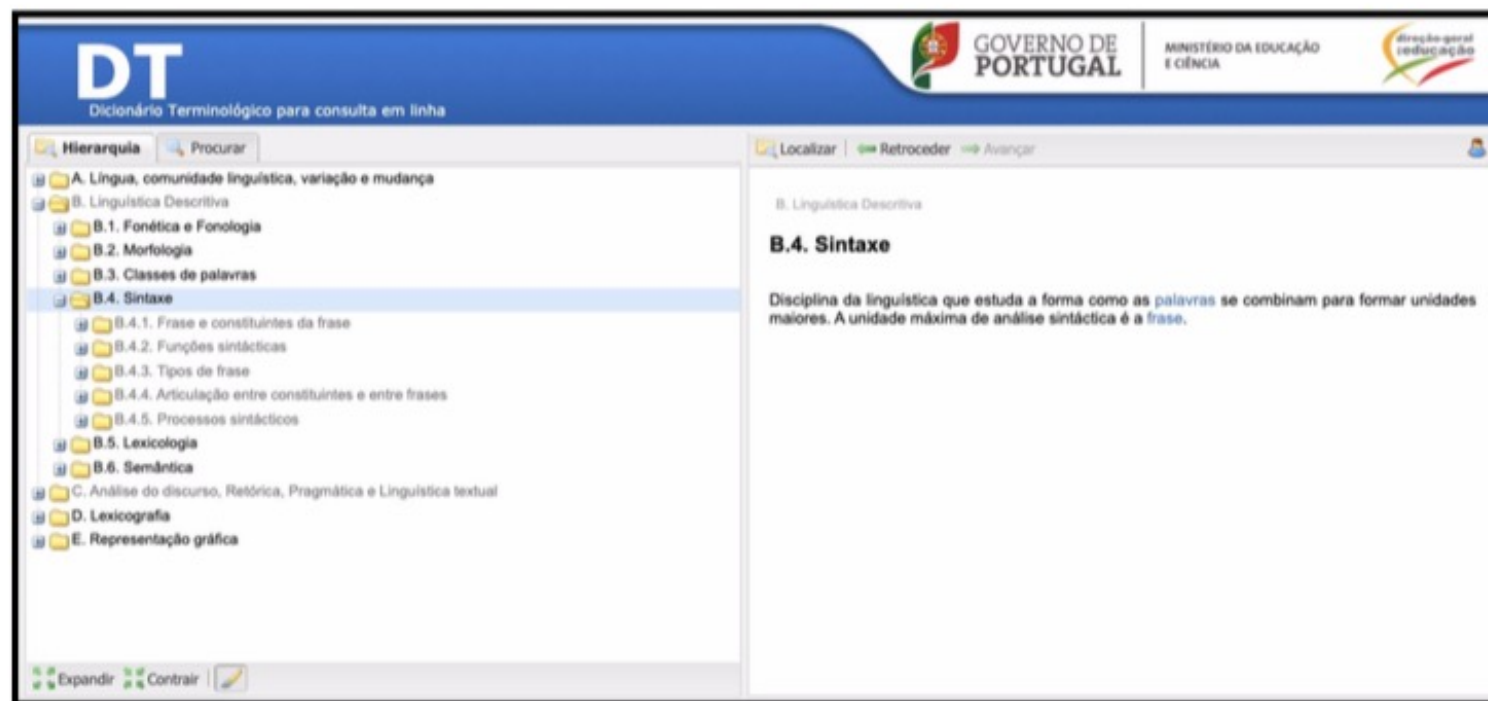
Que recursos gramaticais e lexicais são mobilizados na textualização dos três propósitos essenciais ao conhecimento histórico (descrever, relatar, explicar)?

Que metalinguagem usar de forma a assegurar uma melhor compreensão e apropriação por parte de (futuros) professores?



3.d Construção gramatical do tempo

Trabalho exploratório sobre os recursos gramaticais que veiculam informação de tempo, recorrendo aos termos convencionados no Dicionário Terminológico.



Disponível para consulta em linha em <http://dt.dge.mec.pt/>





3.d Construção gramatical do tempo

Tabela 1: Constituintes da frase e respetivo elemento principal

Constituinte da frase	Elemento principal
Grupo nominal	Nome
Grupo adjetival	Adjetivo
Grupo verbal	Verbo
Grupo preposicional	Preposição
Grupo adverbial	Advérbio

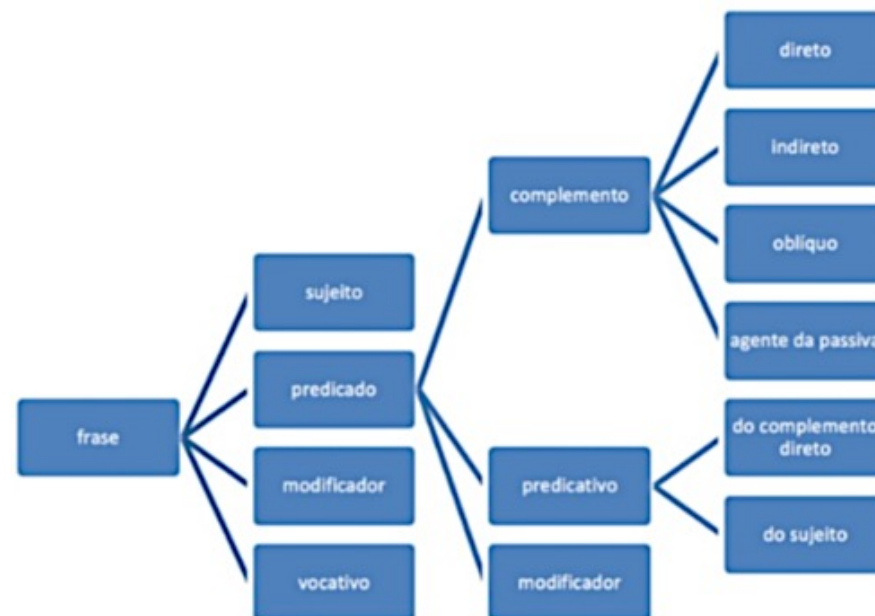


Figura 1: Funções sintáticas ao nível da frase e do predicado



3.d Construção gramatical do tempo

A análise exploratória de 50 textos extraídos de 10 manuais mostra que:

- os constituintes que veiculam informação temporal podem situar-se em diferentes níveis
 - Constituintes da frase
 - Constituintes situados no interior de constituintes da frase
- a informação temporal é expressa por meio de uma diversidade de estruturas e funções sintáticas;
- numa mesma frase podemos encontrar vários tipos de informação de tempo expressos em diferentes formas.



3.d Construção gramatical do tempo

Tipos de constituintes:

- **Sujeito:** menos frequente, entidades abstratas (incluindo datas).
- **Grupo verbal-predicado:** mais frequente, diferentes recursos.
- **Modificador do grupo verbal-predicado:** mais frequente de todos, maior diversidade de formas, maior diversidade de informações (localização, duração, regularidade), diferentes posições na frase, vários modificadores numa mesma frase.



3.d Construção gramatical do tempo

Informação veiculada pelo grupo verbal:





CELGA-ILTEC

Centro de Estudos de Linguística Geral
e Aplicada da Universidade de Coimbra

Obrigado!

marta.alexandre@ipleiria.pt

fausto.caels@ipleiria.pt

